Acervo ISA

SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte GM (Relatório GM)
Data 4/7/2000 Pg 3
Class. 48

Potencial para o ecoturismo

Regina Scharf
de São Paulo

O Brasil tem mais de mil cavernas, centenas de cachoeiras, a maior floresta tropical do mundo e quase 8 mil quilômetros de praias – mas só recebe 1% dos ecoturistas que viajam pelo mundo, no total 30 milhões por ano. Já as matas da pequena Costa Rica, país cinco vezes menor que o Estado de São Paulo, foram vistas por 750 mil estrangeiros no ano passado, mais que o dobro dos que vêm aqui.

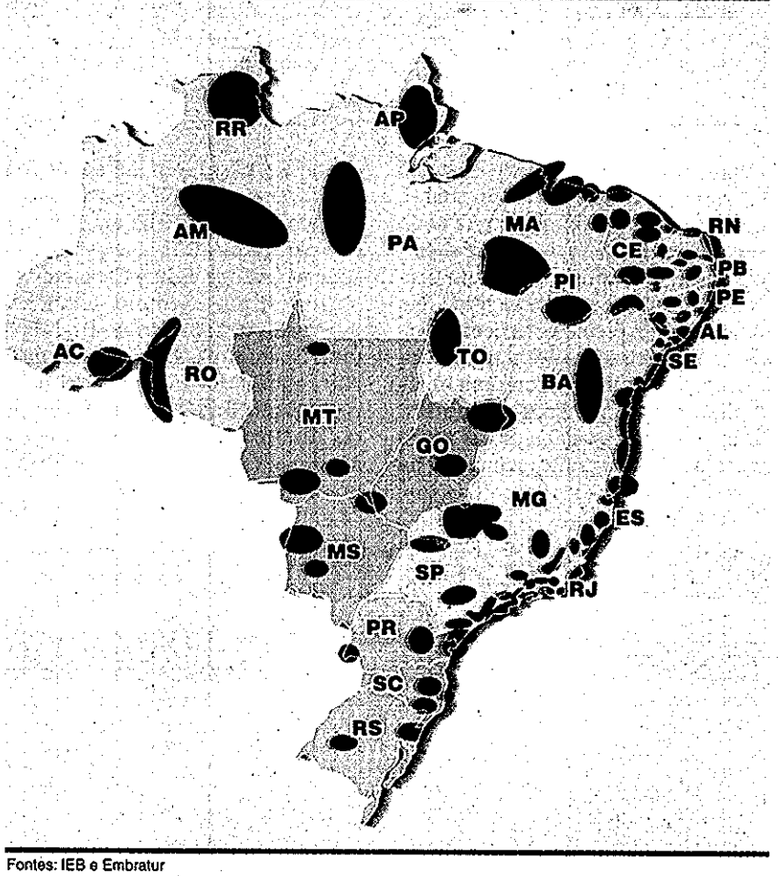
Não foi sempre assim. Doze anos atrás, antes de iniciar sua ofensiva para atrair turistas, a Costa Rica recebia 28 mil visitantes anuais. "Não é só uma questão de marketing", avalia João Meirelles Filho, presidente do Instituto de Ecoturismo do Brasil (IEB). "Eles investiram muito na formação do seu pessoal".

Para Meirelles, é o que falta no País. "O Brasil e a Amazônia estão fora do mercado porque faltam barqueiros e monitores habilitados", diz. Segundo ele, um dos problemas é que todas as escolas de ecoturismo estão no Sudeste. É o caso dos cursos de guarda-parques e de guias especializados ministrados pelo Senac, em São Paulo.

O desinteresse dos empresários complica o quadro. "Na praia paraense de Mosqueiro (uma das melhores perto da capital, Belém), nenhum dono de hotel se preocupa em pagar para aprimorar a educação dos seus funcionários", afirma Meirelles. E é muita gente para ser treinada: 5 mil agências, operadores, hotéis e pousadas voltados para o ecoturismo já criaram mais de 30 mil empregos diretos em todo o País.

Outro entrave, para Meirelles, é a propaganda enganosa. "Não dá para vender a idéia de que o turista vai ver onça na Amazônia, se ela fica embrenhada na mata", diz. "A honestidade está em jogo". Para ele, o estrangeiro que chega num hotel de floresta que se diz ecológico, mas aprisiona araras ou amplia suas instalações sem qualquer planejamento, nunca mais volta ao Brasil.

Pólos por Estado



Fontes: IEB e Embratur

Tais deficiências espantam menos o meio milhão de ecoturistas brasileiros, que fazem 2 milhões de viagens internas por ano. "Esse número poderia ser ainda maior, se fossem incluídos os passeios de um dia ou a prática de esportes radicais", argumenta Meirelles. O rafting, por exemplo, tornou Brotas (SP) um dos destinos favoritos no País. A cidade é uma dentre uma dezena de localidades que recebem mais de 20 mil visitantes por ano. O grupo inclui Bonito (MS), o arquipélago de Fernando de Noronha, a Chapada Diamantina (BA), a região de Canela, Gramado e Itaimbézinho (RS) e a Serra da Bodoquena (MS). Bonito, praticamente desconhecido há dez anos, recebe hoje 70 mil visitantes por ano.

Estes são alguns dos 88 pólos de ecoturismo definidos como prioritários pela Embratur e o IEB. Concluída na virada do ano, essa primeira radiografia do potencial do setor no País visa, segundo Meirelles, orientar políticas públicas e direcionar investimentos.

Uma das surpresas do estudo é que o Nordeste tem o maior número de pontos de interesse, 47, contra apenas 7 na Amazônia e 8 no Centro-Oeste (que inclui, vale lembrar, o Pantanal e a Chapada dos Guimarães). "Não há levantamentos dos números do ecoturismo na Amazônia, mas seu principal destino, Manaus, deve receber 60 mil pessoas por ano", diz Meirelles. Por sua vez, Belém recebe mais homens de negócios que ecoturistas. ■